



POLARIZAÇÃO ELEITORAL

A disputa pelos símbolos nacionais

Impulsionada pela Copa de 2026, a camisa da Seleção volta a ganhar espaço nas ruas. Especialistas avaliam que o verde e amarelo deixam de ser associados exclusivamente à política e retomam um caráter mais amplo

» VANILSON OLIVEIRA

Leonardo Munoz/AFP



Torcedoras com a camisa e bandeira do Brasil na fan zone do Brooklyn, em Nova York: símbolos nacionais em disputa

A camisa amarela da Seleção Brasileira voltou às ruas, vitrines, bares e academias. Em ano de Copa do Mundo, a cena parece corriqueira. Mas, no Brasil de 2026, ela tem um significado que vai além do futebol. Em 2022, o verde e amarelo se tornaram símbolos fortemente associados ao bolsonarismo, a ponto de parte dos brasileiros evitar vestir a camisa da Seleção por receio de ser identificada politicamente. Quatro anos depois, o torneio mundial impulsiona o retorno dessas cores ao espaço público e reacende o debate sobre o significado dos símbolos nacionais em um cenário menos marcado pela exclusividade política observada nos últimos anos.

Quem tinha receio de ser confundido está deixando o medo de lado para torcer pelo Brasil. Pesquisa do Instituto Locomotiva, realizada entre 2 e 8 de junho com 1.030 entrevistados, mostra que 67% dos brasileiros estão empolgados com a Copa do Mundo e que 63% demonstram entusiasmo específico com a Seleção Brasileira. O levantamento aponta ainda que 86% pretendem acompanhar os jogos e que 52% acreditam que o Brasil conquistará o hexacampeonato.

Os números reforçam a força do futebol como um dos principais elementos de identificação nacional e ajudam a explicar por que a camisa da Seleção continua sendo um ativo valioso na disputa política, em um país historicamente acostumado a expressar seu sentimento de pertencimento por meio do esporte.

Para o cientista político Rudá Ricci, a associação entre patriotismo e símbolos nacionais não é uma novidade na história política brasileira. Segundo ele, a disputa pela representação da identidade nacional acompanha o país desde os primeiros anos da República. “O nacionalismo no Brasil, historicamente, está relacionado com esporte e cultura, e não com os símbolos da pátria”, afirma Ricci, que lembra que a disputa pelos símbolos nacionais remonta aos primeiros anos do período republicano. Segundo ele, diferentes grupos

políticos buscaram, ao longo da história, definir quais personagens, valores e imagens representariam o país. O pesquisador cita como exemplo a disputa simbólica travada entre Floriano Peixoto e Deodoro da Fonseca sobre qual personagem deveria representar a identidade nacional brasileira.

Ele explica que a tentativa de vincular patriotismo à estrutura política do Estado tem raízes históricas e esteve mais associada aos setores conservadores da política nacional. “Essa ideia de patriotismo ligada à estrutura política e à unidade nacional sempre foi da direita”, observa.

Ao longo dos últimos anos, o bolsonarismo intensificou essa estratégia ao incorporar a bandeira nacional e a camisa da Seleção em manifestações, campanhas eleitorais e mobilizações de rua. O resultado foi a consolidação da percepção de que o verde e amarelo pertenceriam prioritariamente a um único campo político.

Fim do monopólio

Se a polarização política dos últimos anos ajudou a associar a camisa da Seleção e a bandeira nacional ao bolsonarismo, a Copa do Mundo de 2026 parece estar produzindo o movimento inverso. Na avaliação de especialistas ouvidos pelo **Correio**, o Mundial ocorre justamente em um momento em que a exclusividade construída pela direita sobre os símbolos nacionais começa a apresentar sinais de desgaste.

Para o professor de marketing político da Fundação Getúlio Vargas (FGV), João Ricardo Mata, a melhor forma de compreender esse fenômeno é observar os símbolos nacionais como marcas em disputa. “Ninguém é proprietário da marca ‘Símbolo Nacional’, mas podemos usar a metáfora de que, embora não tenha um dono, esse território pode ser alugado. O fato é que, em 2022, o bolsonarismo

tinha o monopólio desse aluguel. Ou seja, o verde-amarelo estava ocupado pelo bolsonarismo. Em 2026, esse monopólio começou a ser enfraquecido e agora temos uma disputa aberta para esse posicionamento”, afirma.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com seus enfrentamentos às medidas econômicas adotadas pelo governo do presidente norte-americano Donald Trump, ganhou espaço com o discurso da defesa da soberania nacional. “Não foi a esquerda ou o governo que tomou essa bandeira, foi o grupo bolsonarista que desocupou esse espaço territorial que era um aluguel dominante deles. Agora eles andam abraçados com as bandeiras americanas e isso tem um peso e um preço a se pagar”, ressaltou Mata.

Para o cientista político Eduardo Grin, da Fundação Getúlio Vargas (FGV Eaesp), a discussão sobre soberania passou a ocupar um espaço

que antes era monopolizado pelo discurso patriótico da direita. Ele também concorda que o cenário internacional e os debates envolvendo interesses econômicos brasileiros favoreceram essa mudança de percepção. “Em relação a 2022, há uma diferença significativa, pois Lula, por meio da defesa da soberania e de temas como o ‘tarifaço’, tem ajudado a resgatar o verde e amarelo como uma coloração que não pertence a apenas um campo político”.

Para o professor do ensino médio Felipe Di Castro, a bandeira nacional e a camisa da Seleção foram incorporadas ao discurso bolsonarista de maneira que alterou temporariamente a percepção de parte da população sobre esses símbolos. “A camisa da Seleção e a bandeira, infelizmente, foram sequestradas pelo bolsonarismo nos últimos anos”, declarou. Segundo ele, não se deve utilizar símbolos que representam uma nação enquanto se nega elementos



Ninguém é proprietário da marca ‘Símbolo Nacional’, mas podemos usar a metáfora de que, embora não tenha um dono, esse território pode ser alugado. O fato é que, em 2022, o bolsonarismo tinha o monopólio desse aluguel. Em 2026, começou a ser enfraquecido e agora temos uma disputa aberta para esse posicionamento”

João Ricardo Mata,
professor da FGV

centrais da própria cultura nacional. “Um exemplo é o Oscar. Concorremos duas vezes nos últimos dois anos e vemos os ‘patriotas’ torcendo contra o filme brasileiro”.

Já o designer Yuri Delfino acredita que a camisa da Seleção nunca deixou de pertencer aos brasileiros, independentemente das disputas políticas. “A camisa da Seleção Brasileira sempre pertenceu ao Brasil, independente de partido, esquerda ou direita. A gente não pode pegar a camisa do Brasil e usar como farla. A camisa do Brasil é do Brasil e sempre será do Brasil”, afirmou.

O estudante Rafael Lopes, 24 anos, afirma que, apesar de ser de direita e crítico às políticas do PT, acredita que a bandeira e a camisa da Seleção representam o país e não um determinado partido. “A camisa da Seleção é do Brasil. Seria o mesmo de eu não querer usar uma camisa vermelha porque seria do PT”, analisa.

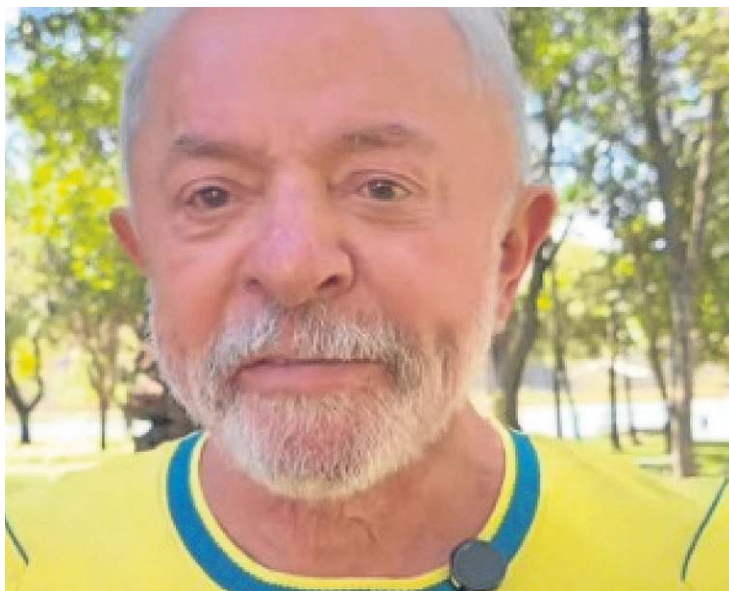
Lula e Flávio na torcida pelo hexa

» IAGO MAC CORD

Na estreia do Brasil contra o Marrocos pela Copa do Mundo, o presidente e pré-candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o senador e também pré-candidato ao Planalto, Flávio Bolsonaro (PL-RJ), usaram as redes sociais para enviar mensagens de apoio à Seleção Brasileira.

Enquanto Lula focou no “povo brasileiro” e na garra técnica, Flávio vinculou a torcida ao pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro, que cumpre prisão domiciliar. A movimentação ocorre na pré-campanha para as eleições deste ano, onde ambos lideram as pesquisas para o Planalto.

Nas manifestações do presidente, houve um forte apelo pela “alma” e pelo povo em vídeo de 2 minutos e 40 segundos endereçado ao técnico Carlo Ancelotti e aos jogadores. Lula focou no coletivo ao afirmar que o Brasil tem a “melhor Seleção”, ressaltando que os atletas devem atuar



Lula mandou recado para a Seleção: apelo para jogar com “alma”

com espírito de equipe.

Ele reforçou a importância da unidade ao declarar que “o que vale é a garra! O que vale é a coesão do time, a unidade do time, a

harmonia do time. Eles têm que estar bem (...) e jogar pensando no povo brasileiro”. O presidente também destacou a representatividade, lembrando que os



Flávio ressaltou o apoio do pai ao escrete brasileiro: “Na torcida”

jogadores vêm de periferias e jogam pelos jovens que sonham com o hexa. Em tom enfático, Lula cobrou que os atletas chutem ao gol, exclamando que “o que vale

é bola no gol do adversário, então, sempre que puder chute! Pelo amor de Deus, chute!”

Lula demonstrou otimismo estratégico ao reiterar que “a Copa do

Mundo a gente não disputa, a gente ganha!”, além de citar técnicos históricos, como Zagallo, Feola e Felipe para inspirar Ancelotti.

Por outro lado, o senador Flávio Bolsonaro apoiou a Seleção após visitar o pai em Brasília. Evidenciando o vínculo político-familiar, relatando ontem que estava “saindo da casa do meu pai (...) Está bem o meu pai, firme e forte aqui como sempre, dando todo apoio”.

O parlamentar seguiu afirmando que o pai está na torcida, embora as restrições da prisão impeçam que vejam o jogo juntos. “Infelizmente não vou poder assistir ao jogo junto com ele, mas ele está aqui na torcida”, e deu palpite de vitória por 2 a 1.

Esse movimento alimenta uma disputa simbólica, já que Flávio, em discursos anteriores, rotulou a vestimenta da Seleção como a “camisa do Bolsonaro”, em contraponto à tentativa da esquerda de reapropriar os símbolos nacionais.